

A POSSÍVEL CONCILIAÇÃO CULTURAL NA PERIFERIA

Kátia Maria Soares¹

Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti²

RESUMO

O presente trabalho trata de uma visão de projetos extracurriculares em uma feira cultural realizada em uma instituição de ensino do município de Belford Roxo, na Baixada Fluminense/Rio de Janeiro, que este ano teve como tema: *O popular e o erudito num universo de diferenças*. O texto contextualiza o papel social das instituições de ensino nas sociedades periféricas dos grandes centros administrativos e culturais do nosso país, mostrando que sua missão vai muito além do que oferecer educação e cultura escolar. Nesse sentido, o papel de conscientização realizado pelas instituições educacionais é fundamental para que as pessoas não fiquem sujeitas exclusivamente à cultura de massa, mas consigam ter uma visão crítica diante das informações de todos os tipos e gêneros que recebem. O conceito de cultura popular e erudita está fundamentado nas idéias de intercâmbio cultural de Darcy Ribeiro, onde as diferentes culturas são tão somente "diferentes e, porque distintas, se intercambiam, abeberando-se reciprocamente". A metodologia utilizada é de ordem qualitativa, que se apóia primeiramente em fontes documentais, tais como: projetos escritos, em formulários semi-estruturados, e, posteriormente, em questionário de avaliação aplicado aos visitantes da feira, além das produções dos alunos expostas na realização tanto da feira como em outros eventos. Os resultados apontam que professores de diferentes áreas trabalharam assuntos que não são de suas áreas, o que se tornou para eles uma experiência nova e, portanto, enriquecedora. Assim, encontramos professores de Matemática envolvidos com o mundo da música clássica e contemporânea, entre outros.

Palavras-chave: cultura; educação; Baixada Fluminense; periferia.

INTRODUÇÃO

Contando uma história de 32 anos de trabalho em educação, em instituição privada de ensino – da educação infantil ao ensino superior, nos dias de hoje – buscamos, sempre através de projetos, proporcionar oportunidades de aprendizagens as mais variadas possíveis, para de alguma forma suprir diversas necessidades de conhecimentos e experiências que os entraves de contexto sócio-cultural-ambiental ocasionam. A experiência profissional no município de Belford Roxo, nosso local de nascimento e maior vivência, nos leva a buscar conciliar o aumento da auto-estima e a conseqüente valorização da cultura de nossos alunos com outras possibilidades culturais, sendo este o nosso maior desafio. Com certeza um desafio maior do que a disseminação dos conteúdos escolares e acadêmicos.

Encaramos o papel das instituições escolares nas sociedades periféricas dos grandes centros administrativos e culturais de nosso país como muito maior do que oferecer uma cultura escolar e acadêmica. O questionário respondido pelos alunos da instituição, do curso de administração, no último Exame Nacional de Curso – ENADE, realizado pelo INEP/MEC, deixou claro o que já sabíamos pela convivência próxima: eles são oriundos de famílias com muito pouca formação escolar, não têm contato – ou têm muito pouco contato – com a cultura letrada, leram poucos livros no decorrer de suas vidas escolares, têm poucos recursos para frequentar teatros – que ficam distantes – ou para

¹ Universidade Católica de Petrópolis. E-mail: katia@fabel.edu.br.

² Universidade Católica de Petrópolis. E-mail: ednardomonti@gmail.com.

assistir filmes de maior reflexão – estes não passam nos poucos cinemas da região. Praticamente não existem bibliotecas públicas e livrarias em toda a Baixada Fluminense e em nosso município nenhuma. As informações culturais chegam através da televisão, do rádio e dos jornais e das revistas comerciais. Mesmo a cultura popular é pouco estimulada: há poucos grupos folclóricos, poucas agremiações voltadas para a manutenção e criação de novas culturas ou da própria cultura local. O que chega ao nosso aluno é através da comunicação de massa, da cultura de massa.

O termo ‘comunicação de massa’ foi cunhado na segunda metade do século XX, buscando explicar o fenômeno que produziu a chamada cultura de massa. O pensador francês Edgar Morin (1975), por exemplo, afirma que a cultura de massa fornece à vida privada as imagens e os modelos que dão forma às inspirações do homem comum e toma de empréstimo a terminologia mítica para referir-se às personalidades midiáticas. A cultura de massa muitas vezes é confundida com cultura popular, pois atinge maciçamente as camadas populares que sem os referenciais da educação não têm como separar ou refletir sobre aquilo que lhe chega através dos veículos de comunicação de massa.

O mesmo Morin ao escrever dois volumes sobre a comunicação de massa no século XX utilizou os termos “neurose” e “necrose” no título de cada um deles deixando claro o fator degenerativo dessa inserção na sociedade. Entretanto, apesar do caráter de serviço aos interesses dos grandes grupos detentores do capital, não se pode negar que o mundo hoje é uma “aldeia global”, como previu McLuhan³, onde o que acontece de importante em uma das partes toma a forma de notícia e se espalha rapidamente. A “aldeia global”, porém, é bombardeada com maior facilidade por quem administra essa indústria cultural de massa e que conduz pelos seus interesses os desavisados ou os que não conseguem perceber as intenções por trás de cada ação da mídia.

Nesse sentido, o papel de conscientização realizado pelas instituições educacionais é fundamental para que as pessoas não fiquem sujeitas a essa condução, mas consigam ter uma visão crítica diante das informações de todos os tipos e gêneros que recebem. Tornar explícito o que é oculto em todas as áreas do interesse humano é uma das funções sociais da educação, talvez a principal. Preparar os indivíduos para a independência de visão e ação ao mesmo tempo em que os prepara para a vida social e coletiva é um dos grandes desafios que o educador enfrenta em seu cotidiano.

O conceito de cultura popular e erudita foi muito bem exposto por Darcy Ribeiro:

Gosto de pensar que essas são as duas asas da cultura que, sem vigor em ambas, não voam belamente. É preciso reconhecer que uma não é melhor nem pior, superior ou inferior à outra; são apenas diferentes e, porque distintas, se intercambiam, abeberando-se reciprocamente. Populares são, para nós, as formas livres de expressão cultural das grandes massas, que nos dão seu exemplo maior no carnaval carioca, como a principal dança dramática que jamais se viu. Eruditas são as formas escolásticas, canônicas, de expressão cultural, como o balé e a ópera, por exemplo, cultivadas por alguns, vivenciadas por pouquíssimos, mas admiradas por um grande público⁴. (RIBEIRO, 1986)

³ Herbert Marshall McLuhan (Edmonton, 21 de julho de 1911 — Toronto, 31 de dezembro de 1980) foi um filósofo e educador canadense. Introduziu frases como o impacto sensorial, o meio é a mensagem e aldeia global como metáforas para a sociedade contemporânea, a ponto de se tornarem parte da nossa linguagem do dia-a-dia. Teórico dos meios de comunicação foi precursor dos estudos midiáticos. Seu foco de interesse não são os efeitos ideológicos dos meios de comunicação sobre as pessoas, mas a interferência deles nas sensações humanas, daí o conceito de “meios de comunicação como extensões do homem” (título de uma de suas obras), ou “prótese técnica”. Em outras palavras, a forma de um meio social tem a ver com as novas maneiras de percepção instauradas pelas tecnologias da informação. Os próprios meios são a causa e o motivo das estruturas sociais.

A cultura, como formadora, é indispensável à escola que recebe seus alunos oriundos das classes que não têm acesso a outros meios se não os de comunicação de massa. A cultura popular é tão rica quanto a cultura erudita. Na verdade uma precede a outra, segundo Santos (1999). Assim como os textos de Shakespeare um dia foram populares e encenados em teatros desse tipo na Inglaterra, no futuro, provavelmente, o nosso Tom Jobim será reverenciado como erudito. Entretanto, a comunicação de massa penetra nessa relação, que deveria ser apenas temporal, para submeter a cultura popular, e até algumas vezes a erudita, à massificação, com objetivos puramente comerciais. A cultura de massa passa a ser apenas um arremedo grosseiro da cultura popular ou erudita.

Muito se tem dito que dar oportunidades iguais a todos é oportunizar educação de qualidade, sem distinção, a todos. A educação escolar não basta para tal, pois as desigualdades não ficam apenas na falta de escolaridade ou da preparação para o trabalho. A cultura promovida pelo contato com a arte, seja ela de que tipo for, transforma, pois é um processo que passa por todas as instâncias do indivíduo e não apenas pela cognição. Dar acesso a todos a uma educação de qualidade é criar, portanto, oportunidades de aproximação da cultura popular com a cultura erudita, sem a intermediação da comunicação de massa que gera a cultura de massa ou a aculturação das camadas populares. A conscientização surge como uma opção de combate à cultura de massa e se realiza, como bem expressa Paulo Freire (1977), “em oposição às classes dominantes, nascendo do seio da cultura popular negada, sendo permanentemente regida pela análise crítica dos valores, pois essa ação é transformadora e se transforma sempre”.

A COMUNICAÇÃO DE MASSA E A MENTIRA DA VERDADE

Uma das comunicações do Seminário Internacional Imagem, Cultura & Educação, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em abril de 1998, foi a do então Senador Artur da Távola e publicada pela Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação, em 1999. O também jornalista, advogado e escritor chama de cultura do hiper-real o fenômeno que vimos observando em nosso dia-a-dia como educadores. Os meios de comunicação de massa vêm cada vez mais tornando a realidade o mais conotativa possível, com o objetivo de conquistar o público pelo excesso de apelo emocional.

Hoje, mais do que nunca, os meios de comunicação desenvolvem técnicas (em permanente expansão) de apresentação da notícia como espetáculo. As regras do espetáculo, quase sempre nutridas na experiência da ficção, transmitem-se à informação, modelando-lhe o resultado por meio de uma intervenção na forma e da manipulação do conteúdo. (...).

Trata-se de uma ditadura – sem uma ditadura, mas com vários ditadores, segundo o espectro de público, influenciado por quem lhe fale ou emita a comunicação. (...).

O conjunto de informações hiper-reais diariamente despejadas durante anos sobre a população acaba por gerar um receptor identificado com emoções intensas, extremas, dogmáticas, depressivas, exaltadas ou maníacas. Tais emoções do receptor realimentam o emissor, que por sua vez aprofunda a natureza emotiva diluída na objetividade aparente da informação, num processo incontrolável e crescente de mútuas influências (1999, p. 51-53).

4 Darcy Ribeiro (trecho de artigo publicado na Revista do Brasil, ed. especial, 1986). O presente texto pode ser encontrado no site da Fundação Darcy Ribeiro http://www.fundar.org.br/darcy_cultura_full.htm

O aluno de nossas instituições de ensino está mergulhado numa cultura que não é a dele ou numa aculturação. Não se trata de considerar mais o valor das múltiplas culturas oriundas das diferentes origens que compõem o corpo discente de nossas escolas e universidades. Umberto Eco⁵, um dos maiores escritores contemporâneos, publicou, em 2004, a história da beleza e, mais recentemente em 2007, a história da feiúra. É mais um pensador de nosso tempo a reforçar a importância da cultura popular para o estabelecimento dos verdadeiros parâmetros de uma época, tendo em vista que o que costuma ser contado através dos tempos é a história vista pela ótica dos dominantes e não do povo. Assim, o escravo e o camponês foram sempre retratados pelas artes plásticas, fruto da alta cultura, como feios, e bonitos os filhos da aristocracia e da burguesia. Somente no relato e nas manifestações mais populares da arte e da cultura podemos estabelecer a verdade e fazer justiça aos fatos. Isso apenas vem ratificar a importância de não se sobrepor uma cultura a outra, esse discurso já foi ultrapassado em nossa era pós-moderna. O que precisamos considerar é que o que muitas vezes chamamos de cultura popular não passa de aculturação: de uma apropriação do que os meios de comunicação resolveram difundir como cultura, mas que não nasceu no seio daqueles sujeitos, daquela coletividade. A cultura de massa é feita para o povo; não vem do povo.

Para nossa tomada de consciência como educadores e do papel que precisamos exercer na intermediação dessa interação aluno-meio, lembramos ainda as palavras de Távola:

Igualmente, generaliza-se entre o público receptor e a atitude hiper-real, presente em roupas, gestos, atos e comportamentos, diariamente recebidos via bombardeio informativo. Nessa atitude, insere-se a cultura do hiper-real e a sensação de viver no intenso clima por ela caracterizado, o de seres em estado limítrofe, permanentemente excitados ou exaltados, seres sensoriais, fragmentados, não-verbais, instintivos, em estado permanente de revolta, implosão, recorde ou denúncia. São os disfarces do estado depressivo, que se torna o grande sinal de uma existência arrancada da normalidade, do bom senso, da plausibilidade.

Vivemos o momento da normalidade como exceção e do equilíbrio como alienação (1999, p.53).

Cabe, então, às instituições de ensino e aos educadores educar para a conscientização de maneira que o aluno não fique passivamente como receptor e fantoche. Que este seja então um receptor crítico e busque outros meios de adquirir, criar e valorizar sua própria cultura e o que existe de autêntico em seu meio, fruto das interações reais entre as pessoas e todas as fontes de cultura e informação possíveis. Essa diversidade de fontes e possibilidades de olhares é vital que se proporcione através da educação. Só assim é possível restaurar os fatos reais sem conotações, mas denotativamente, imparcialmente o mais que se possa como uma verdade verdadeira precisa ser vista e contada. Só assim será possível construir em nossos alunos o desejo de buscar a sua própria verdade através das suas próprias experiências e reflexões.

Evocando Nietzsche, nas palavras de seu Zaratustra:

Por muitos caminhos diferentes e de múltiplos modos cheguei eu à minha verdade; não por uma única escada subi até a altura onde meus olhos percorrem o mundo. E nunca gostei de perguntar por

⁵ Umberto Eco (Alexandria, 5 de janeiro de 1932) é escritor, filósofo e lingüista italiano. Eco é mundialmente reputado por seus diversos ensaios universitários sobre a semiótica, a estética medieval, a comunicação de massa, a lingüística e a filosofia.

caminhos, – isso, a meu ver, sempre repugna! Preferia perguntar e submeter à prova os próprios caminhos. Um ensaiar e perguntar foi todo o meu caminhar – e, na verdade, também se tem de aprender a responder a tal pergunta! Este é o meu gosto: não um bom gosto, não um mau gosto, mas meu gosto, do qual jamais me envergonho nem o escondo. “Este – é meu caminho, – onde está o vosso?”, assim respondia eu aos que me perguntavam “pelo caminho”. O caminho na verdade não existe! (NIETZSCHE, 1972, *apud* LARROSA, 2005, p. 46)

Somos nós, educadores, que podemos mostrar aos nossos alunos o caminho que não existe, e que só pode e deve ser construído e trilhado através da experiência reflexiva, por cada um.

ENSINAR O SILÊNCIO COMO UMA VIA

É necessário ensinar-lhes, então, a silenciar as vozes que vêm de fora, a concentrarem-se para produzir algo próprio, sua verdade, sua cultura. Citando Larrosa (2006, p.49):

O mundo não existe anteriormente a uma forma que lhe dê seu perfil. Ou existe, mas como algo amorfo, desordenado e sem delimitações e, portanto, sem sentido. Não há uma experiência humana não mediada pela forma e a cultura é, justamente, um conjunto de esquemas de mediação, um conjunto de formas que delimitam e dão perfis às coisas, às pessoas e, inclusive, a nós mesmos. A cultura, especialmente a linguagem, é algo que faz com que o mundo esteja aberto para nós. Mas quando uma forma converte-se em fórmula, em bordão, em rotina, então o mundo se torna fechado e falsificado. Porque, às vezes, nos livros, ou nos filmes ou, até mesmo, na paisagem há tantos bordões que nada está aberto. Nenhuma possibilidade de experiência. Tudo aparece de tal modo que está despojado de mistério, despojado de realidade, despojado de vida.

Entretanto, existem formas, livros, filmes, paisagens, músicas, enfim, meios capazes de nos fazerem sentir a nós mesmos intensamente, que, ao invés de nos distanciarem de nós, nos aproximam. É esse tipo de experiência cultural que precisa ser oportunizada principalmente nas escolas que ficam distantes – em todos os sentidos da palavra – dos meios de cultura que não sejam os de massa. É necessário, portanto, silenciar alguns canais que nos embotam e nos distanciam mais para abriremos outros que nos aproximam de nós mesmos. E embora muitos questionamentos já tenham sido feitos em torno das várias abordagens nietzscheanas sobre o lema das *Odes Píticas* de Píndaro, um imperativo que podemos traduzir como “conhece-te a ti mesmo” ou “transforma-te no que és”, ou ainda “busca-te a ti próprio”, percebemos, como educadores que acompanham seus alunos e a si mesmos, o quanto é importante calar as vozes externas e fazermos esse exercício de autoconhecimento para que possamos *escrever* no mundo de forma verdadeira e completa.

Chega a ser o que és! Talvez a arte da educação não seja outra senão a arte de fazer com que cada um torne-se si mesmo, até sua própria altura, até o melhor de suas possibilidades. Algo, naturalmente, que não se pode fazer de modo técnico nem de modo massificado (NIETZSCHE, 1972, *apud* LARROSA, 2005).

O psicólogo americano Howard Gardner⁶, conhecido por ter pesquisado cientificamente oito tipos de inteligência –, demonstrando que a mente humana possui múltiplas capacidades e que estas devem ser estimuladas porque são passíveis de expansão –, em entrevista a uma revista brasileira, em julho de 2007, respondeu da seguinte forma à pergunta: “como a classe social influência na construção da inteligência?”

Está claro que um menino pobre do Brasil tem menos probabilidade de desenvolver suas múltiplas inteligências do que uma criança rica dos Estados Unidos. O jogo é desigual por uma razão simples: onde existem carências de recursos, há falta de estímulos.

Não acreditamos em uma relação tão direta quanto a descrita. Certamente que uma criança de qualquer classe social recebe estímulos obviamente diferenciados. Uma bola de meia produz os mesmos efeitos nas crianças que uma de couro de um grande fabricante, depende se há e com quem se joga. Sobreviver é, sem dúvida, um grande estímulo, e muitas vezes a busca pela sobrevivência torna-se uma aventura solitária, até desumana, para muitas de nossas crianças e jovens.

O que não se consegue é estimular devidamente certas áreas, principalmente as que estão mais ligadas à capacidade lingüística e lógica (as que são medidas em testes de QI) ou estimular a todas, sem os devidos recursos. Além destas, Gardner descreve a espacial, a musical, a corporal, a naturalista (habilidade de compreender os fenômenos naturais), a intrapessoal (habilidade de reconhecer os próprios defeitos e qualidades – e tomar decisões com base neles) e a interpessoal (habilidade de interpretar as intenções alheias e exercer a liderança).

Daí a importância de desenvolvermos projetos escolares e acadêmicos onde exista riqueza de estímulos às diferentes capacidades. Também é importante aumentarmos o valor de determinadas inteligências que quase sempre são relegadas a planos inferiores no contexto das instituições de ensino. Muito mais do que proporcionar oportunidades para que o nosso aluno da periferia conheça e possa vivenciar o mesmo que um outro grupo mais privilegiado experimenta – para que os grupos tenham igualdade de condições – essas oportunidades levam ao desenvolvimento de novas capacidades e, principalmente, conduzem a um desenvolvimento intrapessoal maior que interage com as demais áreas, expandindo suas possibilidades.

Só então é possível o aluno refletir sobre o que recebe do meio, o que não lhe convém e que não é, em suma, o seu caminho, a sua verdade. Somente desta forma se pode silenciar a influência que o manipula e exercer a sua liberdade.

ALGUNS PROJETOS REALIZADOS EM 2007 – A VIABILIZAÇÃO DO POSSÍVEL

O objetivo dos projetos é proporcionar aos alunos da instituição, e à comunidade que assiste aos eventos, muitas possibilidades de contato com vários tipos de manifestações culturais, desde a cultura popular até a cultura erudita. Tal objetivo se sustenta na constatação de que a maioria da população deste município não tem acesso aos meios culturais variados, sujeitando-se aos que são veiculados de maneira comercial, através de diversas mídias, que confundem cultura popular com cultura de massa, o que descaracteriza a primeira, tornando-a empobrecida de elaboração e sentido. Busca proporcionar à comunidade uma ampla visão das diferentes manifestações de saber e cultura sem passar pela comparação do grau de importância da abordagem popular ou erudita, porém sem sujeitar os indivíduos somente aos efeitos das diversas fontes de comunicação de massa.

6 Entrevista realizada pela jornalista Monica Weinberg e publicada na Revista Veja nº 2018, de 25 de julho de 2007.

A VERIFICAÇÃO DA EFICÁCIA DAS AÇÕES

A metodologia utilizada é de ordem qualitativa que se apóia, primeiramente, em fontes documentais, tais como: projetos escritos, em formulários semi-estruturados; e, posteriormente, questionário de avaliação aplicado aos assistentes dos eventos, além dos materiais expostos, das apresentações, das produções concretas escritas e demonstradas em diversas linguagens na realização dos projetos. A metodologia também contempla a observação das relações pessoais estabelecidas entre os atores.

A partir de discussões com os grupos de professores do colégio, da educação infantil até à faculdade, o tema foi proposto. A direção acadêmica redigiu, então, o que chamou de *texto base*, contendo algumas explorações a respeito do assunto e idéias para possíveis trabalhos, traçando um eixo com várias vertentes do tema. O texto foi então distribuído pelas coordenações de cursos que o repassaram aos professores, fazendo considerações e sugestões.

O tema gerou três painéis – o de dança, o de poesia e o de teatro –, uma mostra literária e uma feira cultural. Cada evento procurou mostrar, através de sua expressão própria, o que os alunos entenderam como abordagem popular e abordagem erudita. Na verdade buscaram demonstrar o melhor de cada uma.

A título de exemplo, descrevemos abaixo os detalhes da realização de um deles, a **feira cultural**, cujo tema foi *O popular e o erudito num universo de diferenças*.

Cada professor comunicou a idéia para as turmas – explorando o conceito dentro de sua disciplina ou atividade – que foram divididas em grupos de trabalho. Cada um dos grupos ficou sob a orientação de um docente. Os alunos decidiram, com o auxílio de seu orientador, o assunto que gostariam de abordar. Constituíram-se trinta e um grupos de trabalho, cada um com o seu tema dentro do tema gerador.

A escolha do tema de cada turma da educação infantil partiu de algumas propostas feitas pelas professoras e os alunos optaram por aquelas que mais lhes agradaram através do voto. A própria escolha acabou por se transformar em diversas aulas onde *Dom Quixote* (Cervantes), *A Flauta Mágica* (Mozart), *Pedro e o Lobo* (Prokofiev), *O Quebra Nozes* (Tchaikovsky), e muitos personagens de histórias infantis ligados à música, ao balé e ao folclore foram explorados. Utilizou-se o filme *Fantasia*, onde os estúdios Disney juntaram a música clássica ao desenho animado, uma obra que as crianças recriaram com as fantasias e as danças, um bom exemplo da boa utilização de uma mídia de massa.

Na educação básica, alguns grupos do ensino médio partiram em busca do entrelaçamento da cultura popular com a erudita na produção musical que permeia ambos universos, tais como as obras de Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth, Villa-Lobos, Tom Jobim e outros. No ensino fundamental, buscaram traçar paralelos e relações como a medicina popular, utilizada pelas curandeiras, e a acadêmica, de última geração. Na elaboração e processamento dos alimentos, buscaram as vantagens e desvantagens da industrialização, tanto no cultivo como na preparação. O mesmo aconteceu com os brinquedos construídos pelos usuários: com tecnologia passada através das gerações e os que hoje possuem recursos de tecnologia de ponta.

As artes plásticas suscitaram uma série de trabalhos mostrando a arte popular brasileira, como a de mestre Vitalino e a arte Naïf, conjuntamente a dos grandes nomes da pintura. O mesmo ocorreu com a literatura popular: autores como Patativa do Assaré e da literatura de cordel alinhados

aos grandes clássicos da nossa literatura. Nisto foram oportunas: a exposição concebida pela diretora Bia Lessa, que esteve na época em cartaz no Museu de Arte Moderna; a montagem de “O homem provisório”, assinada por Cacá Carvalho, atração no Espaço SESC; e o documentário “Aboio”, de Marília Rocha, todas abordagens da obra de Guimarães Rosa, “Grande Sertão Veredas” – que também pôde ser vista na minissérie exibida pela TV em 1985 –, demonstrando que veículos de comunicação de massa podem e devem exercer esse papel, o de levar de maneira isenta a criação popular e erudita. Os professores puderam agendar com os grupos visitas e explorações dessas oportunidades surgidas neste momento.

No ensino superior, entre os alunos do curso de administração, encontramos uma análise da administração empírica, coletada no comércio local, em contraponto aos princípios científicos mais atualizados. Ainda neste nível, os alunos de informática desenvolveram um trabalho comparativo dos processos de armazenamento e de busca de informações, desde as manuais e dependentes das capacidades humanas de memória até as que utilizam as tecnologias mais sofisticadas.

O carnaval carioca visto como a “ópera do povo” foi tema que perpassou alguns grupos comparando a ópera culta com a manifestação popular ou demonstrando o papel da mídia na comunicação dessa manifestação cultural, o quanto a afetou e a transformou. A “indústria” do carnaval foi reproduzida através de miniaturas da “cidade do samba” comparando-a aos antigos “barracões” das escolas nos morros da cidade.

Foram disponibilizados para consultas a biblioteca, a sala de leitura e o laboratório de informática, ligado à Internet, da própria instituição. Na falta de outros recursos de pesquisa no município alguns grupos optaram por ir à Biblioteca Nacional, ao MAM, ao Espaço SESC, à cinemateca da TV Globo, à Cidade do Samba e a outras fontes de pesquisa na cidade do Rio de Janeiro. A instituição disponibilizou um veículo para levar professores e alunos a esses espaços, bem como as devidas documentações necessárias para acesso a esses locais.

A feira se constituiu numa apresentação desses trabalhos, mostrados simultaneamente através de projeção de filmes – a escola e os pais forneceram TVs, telões e computadores –, cartazes, posters, dramatizações, danças, contação de histórias, maquetes, explicações no local de todo material recolhido na pesquisa; explicações na maioria das vezes realizadas pelos alunos vestidos a caráter como personagens das artes, da história e da literatura.

O trabalho apresentado no início da feira partiu do seu título “um universo de diferenças”, mostrando as diferenças existentes entre os tantos corpos celestes, que o equilíbrio do universo depende de cada um deles e que as diferenças entre eles não impedem sua inter-relação, cada um possui sua beleza e função no lugar que ocupa no universo.

CONQUISTAS E PONTOS PARA SE REPENSAR

Os professores de áreas diferentes precisaram lidar, desta forma, com assuntos que não são de suas áreas, tornando-se também para eles uma experiência nova e, portanto, enriquecedora. Assim, professores de Matemática ficaram envolvidos com o universo da música clássica e contemporânea, entre outros.

Alguns grupos puderam buscar fontes na cidade do Rio de Janeiro e, na impossibilidade de levar a todos, colaboraram trazendo materiais de pesquisa para outros grupos, trocando informações e socializando as pesquisas.

Ao expor as possibilidades de trabalhos e assuntos possíveis, bem como ao colocar o próprio tema da feira, os professores trabalharam com conceitos difíceis de serem compreendidos. Para que houvesse motivação por parte dos alunos foram necessários muitos esforços dos professores para que os alunos entendessem a importância da abordagem. Vencidas as primeiras barreiras em relação ao desconhecimento do tema, os alunos engajaram-se de tal forma nas pesquisas que o caminhar dos grupos passou a fluir sem que os professores tivessem que fazer muitas intervenções. Lógico que o nível de dependência está diretamente ligado às idades, às séries e aos níveis de ensino.

Os alunos do infantil demonstram que absorvem o que não é usual, como a própria música clássica, muito bem. Gostaram tanto quanto das que ouvem mais em seu cotidiano. Verifica-se o que já se supunha: que é apenas uma questão de hábito e de oportunidade.

Percebeu-se pela dedicação dos alunos e dos professores à feira que muitas oportunidades de aprendizagem foram aproveitadas podendo-se afirmar que os objetivos do evento foram alcançados com os alunos.

Muitos dados foram coletados durante o evento. Alguns grupos trouxeram elementos da cultura popular como eruditos. Percebeu-se que por não fazerem parte de seu universo nomes como Vinícius de Moraes, Toquinho e o próprio Tom Jobim apareceram entre os eruditos. Quando indagados os alunos do 6º ano do fundamental disseram que popular era o *funk* e o *hip hop*, a MPB já “é mais erudita, não ouvimos muito”. Quando dissemos que existe uma rádio que só toca esse tipo de música e que pode ser ouvida como as outras que costumam escutar ficaram confusos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precisamos ensinar nossos alunos a mexer no *dial*.

Muitas oportunidades estão próximas, mas não são acessadas. Na apresentação do painel de dança as professoras da Educação Infantil se surpreenderam com a aceitação das crianças em dançar músicas clássicas com a mesma vontade e entusiasmo com que dançam músicas da Xuxa e cantigas populares de roda desde os ensaios. Os pais e a comunidade puderam verificar isto no evento. Aprendemos a gostar das coisas quando as vivenciamos mais cedo. Ficou claro que os alunos maiores têm mais dificuldade de gostar de música erudita. Existem idéias já pré-concebidas que dificultam muito a tarefa dos professores com os mais velhos. Nesse mesmo painel de dança a única música escolhida pelos jovens que lembrava o erudito foi a Nona Sinfonia de Beethoven tocada de forma especial para o filme “Se eu fosse você”⁷.

Ficou evidente que mesmo os professores não tinham tanto acesso à cultura erudita e tiveram que recorrer também a uma série de pesquisas. Praticamente tudo que foi mostrado do erudito já havia, de alguma forma, sido reescrito ou representado na TV tornando-se mais acessível à compreensão de todos. No painel de teatro buscou-se sair do que em todos os anos é visto nesse evento. Como os alunos não freqüentam o teatro suas peças, em geral, são representações de programas que passam na TV utilizando-se da linguagem televisiva. Assim, é necessário muito abrir e fechar de cortinas numa tentativa de reproduzir o que a câmera faz na TV, ou seja, a mudança de cena. Baseados

7 “Se eu fosse você” é um filme brasileiro de 2006, do gênero comédia romântica, dirigido por Daniel Filho. Os atores principais são muito conhecidos da TV: Glória Pires e Tony Ramos.

nas experiências dos outros anos, os professores estimularam outras leituras com destaque para as peças infantis de Maria Clara Machado. Ainda assim, “Hoje é dia de Maria”⁸ foi encenada com todos os elementos da minissérie exibida na TV.

Como a mostra literária foi um evento que ocorreu por turma, cada uma estudando um escritor, seus textos, vida e obra, percebeu-se uma leitura mais detida, mais lenta e mais concentrada contextualizada dentro do universo de cada autor. Os alunos puderam entender, apreciar e se sensibilizar criando um vínculo e uma empatia maior com os autores estudados. Muito do que foi conquistado neste evento deveu-se às possibilidades de pesquisa na Internet, fundamental para despertar o interesse dos alunos pelos escritores literários. Estabelecido esse contato, era possível que eles continuassem as pesquisas na biblioteca escolar, muito menos atraente para a maioria.

Nunca se pode saber o que despertamos em nossos alunos com cada ação proposta, o que se desencadeia a partir desses eventos – muitas vezes o tempo nos diz ou nunca saberemos –, mas com certeza despertamos em muitos um olhar diferente para as diferentes possibilidades culturais em todos os seus setores. Mais certos de termos conquistado mais os objetivos com os menores, muito mais livres e abertos para as novidades. Por isso, vemos como fundamental iniciarmos mais cedo a formação cultural de nossas crianças o mais eclética possível, oferecendo o máximo de possibilidades de contato com as múltiplas e variadas culturas, das mais simples às mais elaboradas, das mais populares às mais eruditas, saindo do círculo vicioso do nosso *dial*.

Ao encerrarmos o ano recebemos de presente do Teatro Municipal 50 ingressos para assistirmos ao balé “Quebra-nozes” com nossos alunos. Foram 42 alunos e 8 professores. Ouvimos de um jovem nosso a seguinte frase: “Me surpreendi, pensei que fosse ser chato... balé ‘né’? Estou bobo, de boca aberta”.

E, assim, ratificamos as palavras de Larrosa (2005):

Quanto maior for o número de afetos aos quais permitamos dizer sua palavra sobre uma coisa, quanto maior for o número de olhos, de olhos diferentes que saibamos empregar para ver uma mesma coisa, tanto mais completo será o nosso ‘conceito’ dela, tanto mais completa será nossa ‘objetividade’. O erro é tomar como o melhor olhar, como o olhar mais puro e mais desinteressado, mais objetivo, aquele que é o mais medíocre, o mais unilateral e o mais dogmático. A objetividade, diz Nietzsche, não se consegue buscando um único ponto de vista, mas se aprende multiplicando as perspectivas, aumentando o número de olhos, utilizando formas afetivas de olhar, dando a visão uma maior pluralidade, uma maior amplitude, uma paixão mais forte.

Concluimos, assim, que é possível conciliar as diversidades culturais e trazer outras formas de olhar para a periferia, mas é preciso começar logo, começar cedo, antes que os embotem, os apriem, os façam ao invés de leitores, platéia, ouvintes, público, apenas consumidores.

⁸ “Hoje é dia de Maria” é uma minissérie da televisão brasileira produzida em oito capítulos e dirigida por Luiz Fernando Carvalho, tendo sido exibida no começo de 2005 pela Rede Globo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, M. S. A.: A comunicação do grotesco: introdução à cultura de massa no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- ECO, Umberto: História da Beleza. São Paulo: Record, 2004.
- _____. História da Feiúra. São Paulo: Record, 2007.
- FREIRE, Paulo: Ação cultural para a liberdade. 2a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- LARROSA, Jorge: Nietzsche & a Educação. 2ª. edição, 1ª. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- _____. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas. 4ª. ed., 3ª. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Secretaria de Educação a Distância: Mediatamente! Televisão, cultura e educação. Brasília, 1999.
- MORIN, Edgar: Cultura de massas no século XX – Neurose. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.
- RIBEIRO, Darcy: Cultura. Revista do Brasil, edição especial, 1986.
- SANTOS, J.: Refletindo a Cultura, 1999. Disponível em <http://www.dhnet.org.br/w3/cervante/textos/index.html>. Acesso em: 30 mai. 2008.

ABSTRACT

This work discusses a vision of extracurricular projects in a cultural fair held in an educational institution of the municipality of Belford Roxo, in Baixada Fluminense/Rio de Janeiro, which had as this year's theme: The popular and the scholar in a universe of differences. The text contextualizes the social role of educational institutions in periphery of large administrative and cultural centers of our country, showing that its mission goes beyond than offering education and school culture. In that sense, the role of awareness conducted by educational institutions is essential for people to not be subject solely to the culture of mass, but can have a critical view of the information in front of all types and genres they receive. The concept of popular culture and erudite is based on the ideas of cultural exchange of Darcy Ribeiro, where different cultures are only "different, and, because different, they interchange, permeating reciprocally". The methodology used is of a qualitative order, which is based primarily on documentary sources, such as: written projects in semi-structured forms, and then on the evaluation questionnaire applied to fair's visitors, in addition to the production of the students exposed at the cultural fair and other events. The results show that teachers of different areas worked with themes that are not of their areas, which became a new experience for them and thus enriching. Thus, we find teachers of mathematics involved with the world of classical and contemporary music, among others.

Keywords: culture; education; Baixada Fluminense; periphery.